ISSN: 2358-8829

A LUDICIDADE COMO ESTRATÉGIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID EM UMA ESCOLA DO CAMPO

Caroline Morais Ferreira da Silva [1]
Wallace Filgueira Bulhões [2]

INTRODUÇÃO

O processo de formação docente inicial, quando pautado na articulação indissociável entre teoria e prática, constitui um pilar fundamental para a construção de uma práxis pedagógica crítica, reflexiva e transformadora. No contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Subprojeto Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), os licenciandos encontram um espaço privilegiado de inserção no cotidiano escolar. Este programa fomenta a aproximação dos futuros professores com a realidade concreta das escolas públicas, permitindo não apenas a observação das dinâmicas institucionais, mas também a proposição de intervenções didáticas fundamentadas que dialogam diretamente com as demandas reais dos sujeitos do campo.

O presente relato de experiência descreve e analisa a intervenção pedagógica realizada em uma Escola do Campo, instituição multisseriada e nucleada que atende a comunidade campesina do Assentamento Dona Antônia, situada na região de Jacumã, no município de Conde, estado da Paraíba. A ação pedagógica foi desenvolvida junto a uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental, composta por dezenove educandos matriculados, sob a supervisão direta da professora titular Bárbara Duarte. O foco central da intervenção residiu no enfrentamento de lacunas recorrentes relativas à consolidação do sistema de escrita alfabética, com ênfase particular no fortalecimento da consciência grafofônica, na superação de dificuldades ortográficas ligadas aos dígrafos e na ampliação do repertório lexical dos alunos.

[1] Graduando do Curso de Pedagogia com área de Aprofundamento em Educação do Campo da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, morayscaroline@gmail.com;
[2] Graduando do Curso de Pedagogia com área de Aprofundamento em Educação do Campo da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, wallacefilgueira1@gmail.com.

A urgência de repensar as práticas de alfabetização e letramento em turmas de anos finais do ensino fundamental, como é o caso do 5º ano da análise diagnóstica da turma que chegam essa etapa escolar carregando fragilidades estruturais na compreensão das correspondências regulares e contextuais da língua portuguesa. Na Educação do Campo, essa problemática ganha contornos ainda mais complexos, pois exige que o ensino da língua escrita não seja descolado do contexto sociocultural, político e identitário dos educandos. O conhecimento escolar precisa ser significativo, respeitando os saberes prévios e a diversidade de ritmos e hipóteses de escrita presentes na sala de aula.

Nessa perspectiva, o presente artigo estrutura-se para apresentar o percurso metodológico e teórico que embasou a vivência do PIBID. Na seção subsequente, discute-se o referencial teórico que une a psicogênese da língua escrita, as práticas de letramento e o potencial pedagógico dos jogos didáticos. Em seguida, detalha-se a metodologia adotada, dividida entre o diagnóstico inicial e a execução das estratégias lúdicas. Por fim, os resultados e discussões evidenciam os avanços cognitivos e sociais observados na turma, culminando nas considerações finais que reiteram a importância da ludicidade articulada à teoria na escola do campo.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A O percurso metodológico que orientou esta vivência de ensino e pesquisa pautou-se na abordagem qualitativa de natureza descritiva, estruturada sob a modalidade de relato de experiência no âmbito do PIBID. A intervenção pedagógica precedida por um rigoroso planejamento coletivo entre os bolsistas pibidianos, sob a orientação da professora formadora, que conduziu oficinas teóricas e práticas sobre a avaliação na psicogênese da língua escrita. Assim, a execução ocorreu ao longo de várias semanas na escola do campo, abrangendo as etapas de diagnóstico, planejamento das estratégias, intervenção lúdica e avaliação dos resultados.

A definição do foco da intervenção emergiu após a realização de observações sistemáticas das aulas de Língua Portuguesa e de diálogos abertos com os alunos. Notou-se, durante uma aula expositiva sobre o tema dos dinossauros, que os estudantes manifestavam grande interesse por discussões sobre o universo, cometas e fenômenos naturais, abrindo margem para a exploração de textos informativos e poéticos. Diante da necessidade de mapear as reais condições de escrita da turma, elaborou-se uma Avaliação

Diagnóstica composta por doze palavras cuidadosamente selecionadas, abrangendo estruturas dissílabas, trissílabas, polissílabas e monossílabas com diferentes complexidades silábicas, além de uma frase estruturada e uma estrofe de um poema pertencente ao mesmo campo semântico discutido em sala.

Por meio da aplicação da avaliação diagnóstica, ocorreu de forma impressa garantindo que cada aluno respondesse individualmente para que o diagnóstico refletisse seu momento cognitivo real. Um aspecto metodológico crucial foi o respeito à inclusão: sabendo que a turma contava com um estudante que necessitava de adaptações curriculares específicas com foco em sílabas simples, a atividade foi sensivelmente dimensionada para acolher a diversidade de ritmos. Após a coleta dos instrumentos, procedeu-se à análise detalhada dos dados com base nas categorias da psicogênese da língua escrita de Ferreiro e Teberosky (1986). A partir da tabulação dos resultados do diagnóstico, constatou-se que as maiores dificuldades da turma concentravam-se nas sílabas complexas e nas regras ortográficas contextuais, especialmente no tocante aos dígrafos.

Com isso, realizou-se uma atividade de acolhimento e leitura compartilhada utilizando como texto disparador a obra poética “A Chácara de Chico Bolacha”, de Cecília Meireles, escolhida devido à sua riqueza rítmica, ludicidade e à presença marcante de termos que permitiam confrontar o uso ortográfico do “X” e do “CH”. Na sequência, foram aplicadas atividades impressas complementares de cruzadinhas e caça-palavras construídas exclusivamente com o vocabulário extraído do poema, instigando o raciocínio lógico-espacial e a fixação ortográfica. Como ferramenta central de intervenção, adotou-se o “Jogo Ortográfico com CH, LH e NH”, desenvolvido por Vanessa Honório, composto por 45 cartas com proposta de adedanha com enunciados desafiadores, pulseiras coloridas para a divisão dinâmica das equipes, fichas de leitura para treino prévio e certificados impressos de participação entregues ao término da atividade.

REFERENCIAL TEÓRICO

Pensar sobre o ensino da escrita exige entender que a alfabetização não é apenas um treino mecânico para juntar letras e sons. Como mostram Ferreiro e Teberosky (1986) em seus estudos sobre a psicogênese da língua escrita, a criança é um ser pensante que

ISSN: 2358-8829

cria ideias ativas sobre a escrita muito antes de entrar na escola. Compreender as fases desse processo do nível pré-silábico até o alfabético, fundamental para que o professor planeje atividades adequadas, respeitando o momento de desenvolvimento de cada aluno e oferecendo os desafios certos para que ele avance em sua autonomia.

Paralelamente à perspectiva psicogenética, faz-se necessário articular o conceito de alfabetização ao de letramento. Conforme Soares (2004) adverte que, embora sejam processos distintos, alfabetizar e letrar são faces de uma mesma moeda e devem ocorrer de maneira indissociável. Enquanto a alfabetização refere-se à apropriação do sistema de escrita alfabética e ao domínio das regras de conversão fonema-grafema, o letramento diz respeito ao uso efetivo e social dessa escrita nas práticas cotidianas, conferindo sentido funcional e cultural à leitura e à escrita. Na Educação do Campo, essa abordagem é vital, pois os textos e os materiais didáticos utilizados devem dialogar com as vivências dos alunos, valorizando suas raízes, o trabalho na terra, a organização comunitária e a oralidade própria do meio rural.

Contudo, para que a transição entre o domínio mecânico e o uso reflexivo da língua ocorra de forma fluida, o professor precisa contar com medições metodológicas diversificadas. Nesse cenário que o jogo didático surge não como mero passatempo ou recurso recreativo desprovido de intencionalidade, mas como um poderoso instrumento de mediação pedagógica. De acordo com Souza, Araújo e Silva (2022, p. 123), o educador pode, de maneira intencional, utilizar o jogo para introduzir um novo conteúdo, aprofundar um saber complexo ou consolidar uma habilidade já abordada, construindo o conhecimento ativamente junto com o educando. O caráter lúdico desinibe o estudante, reduz a ansiedade perante o erro e estimula a cooperação mútua em sala de aula.

Ademais, no que tange especificamente ao eixo ortográfico, Morais e Leite (2005) argumentam que o desenvolvimento das habilidades de reflexão fonológica e ortográfica exige que a língua seja colocada como objeto de análise e reflexão. Uma coisa é utilizar as palavras na comunicação oral espontânea; outra, completamente distinta, é analisá-las criticamente, observando suas regularidades contextuais, suas exceções, sua morfologia e suas semelhanças sonoras (a exemplo dos dígrafos e das consoantes que geram dúvidas frequentes, como CH, LH, NH, X, S, C, Z). O ensino reflexivo da ortografia, amparado por sequências didáticas lúdicas e interativas, transforma o erro em um momento fecundo de aprendizagem coletiva, permitindo que o aluno compreenda o “porquê” das regras ortográficas e não apenas memorize-as de forma acrítica.

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aplicação da avaliação diagnóstica foi realizada com a presença de dezesseis alunos, registrando-se três ausências no dia, incluindo o educando que necessitava de atendimento psicopedagógico especializado. A análise psicogenética dos dados revelou um cenário típico de turmas de transição nos anos finais do ciclo de alfabetização: doze alunos encontravam-se no nível alfabético de escrita, enquanto quatro alunos situavam-se no nível silábico-alfabético. Esse diagnóstico evidenciou a acentuada heterogeneidade da turma, demonstrando que, embora a maioria já compreendesses o princípio alfabético fundamental, persistiam lacunas expressivas no domínio ortográfico convencional e na produção escrita autônoma.

O desenvolvimento da intervenção lúdica ocorreu em encontros dinâmicos e articulados. Na primeira parte, focada no acolhimento e na leitura compartilhada do texto "A Chácara de Chico Bolacha", o engajamento coletivo foi notável, e possível observa que o aluno que demandava adaptação curricular esteve presente neste momento integrado graças à estratégia de leitura em voz alta compartilhada, na qual os colegas sentados o auxiliavam na leitura compartilhada dos versos. Na sequência, a entrega das atividades de palavras cruzadas apresentou um desafio inicial de preenchimento espacial, superado rapidamente mediante a mediação direta dos bolsistas do PIBID, que exemplificaram no quadro negro a forma correta de encaixar as letras nas malhas quadriculadas.

O ápice da intervenção ocorreu com a realização do "Jogo Ortográfico", divididos em equipes identificadas por pulseiras coloridas e organizados em fileiras, os estudantes participaram de três rodadas eletrizantes. A cada rodada, uma carta era retirada do monte e lida em voz alta, contendo desafios como nomear animais, alimentos ou objetos contendo os dígrafos CH, LH e NH. As respostas propostas pelas equipes eram registradas coletivamente no quadro, gerando debates saudáveis, autocorreção imediata e reforço positivo. A atmosfera lúdica garantiu que até mesmo os alunos mais tímidos ou com dificuldades severas de aprendizagem participassem ativamente, verbalizando suas hipóteses sem o medo punitivo da nota escolar tradicional.

Os resultados pedagógicos dessa abordagem foram altamente positivos. Observou-se, ao longo das rodadas e nas produções posteriores, que os alunos passaram a prestar muito

mais atenção às sutilezas sonoras e visuais das palavras. Como sustentam Morais e Leite (2005), quando o aluno é instigado a refletir sobre a estrutura sonora da língua por meio de práticas problematizadoras, sua relação com a escrita se modifica qualitativamente. A repetição consciente das regras ortográficas durante o jogo, associada ao uso de fichas de leitura prévias e de textos literários significativos, resultou em uma ampliação perceptível do vocabulário da turma e em uma melhoria significativa na precisão grafofônica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência pedagógica desenvolvida no âmbito do PIBID em uma escola do campo, colocou em evidência a complexidade e a riqueza inerentes ao processo de consolidação da alfabetização e do letramento em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental em contexto de escola do campo. A heterogeneidade diagnosticada no início da intervenção revelando a coexistência de discentes em níveis alfabético e silábico-alfabético, além da presença de demandas por atendimento inclusivo exigiu dos licenciandos uma postura investigativa, flexível e profundamente comprometida com a garantia de uma educação equânime e de qualidade para todos os sujeitos envolvidos. O redimensionamento do olhar pedagógico para além da sala de aula tradicional demonstrou que as especificidades socioculturais do Assentamento Dona Antônia não representam barreiras, mas sim fontes legítimas de significação e pertencimento que devem subsidiar o planejamento curricular e as escolhas metodológicas do professor.

Nesse panorama, constatou-se que a adoção intencional e planejada de estratégias lúdicas atua como um recurso de altíssimo potencial transformador no cotidiano escolar, quebrando a rigidez de metodologias meramente expositivas. Quando ancoradas em referenciais teóricos sólidos, a exemplo da psicogênese da língua escrita postulada por Ferreiro e Teberosky (1986), das concepções amplas de letramento defendidas por Soares (2004) e das contribuições sobre o uso de recursos didáticos e jogos de Souza, Araújo e Silva (2022), as atividades baseadas no lúdico transcendem a mera descontração ou o entretenimento vazio. Elas se convertem em ferramentas robustas de mediação cognitivo-afetiva que favorecem a superação das barreiras formais da linguagem escrita, estimulam a cooperação mútua entre pares e ressignificam o erro, transformando-o de motivo de punição em um degrau essencial e seguro para a consolidação da aprendizagem significativa.

Além dos ganhos estritamente cognitivos voltados à consolidação da consciência grafofônica e ao domínio preciso ortográfico dos dígrafos, a intervenção proporcionou transformações altamente significativas na dinâmica socioemocional e relacional da turma. A integração do "Jogo Ortográfico" com suportes complementares como as fichas de leitura, as atividades de caça-palavras, as cruzadinhas e a exploração do poema de Cecília Meireles, gerou um ambiente acolhedor, dialógico e cooperativo. Nesse espaço horizontalizado, estudantes que anteriormente demonstravam inibição, receio de errar ou comportamentos de retração em virtude de lacunas de aprendizagem passaram a expressar suas hipóteses e verbalizar respostas ativamente, contando com o apoio empático dos colegas de classe. Tal cenário evidencia de maneira inequívoca que práticas pedagógicas inclusivas e participativas possuem a capacidade ímpar de desconstruir barreiras de exclusão, respeitando o tempo e o ritmo próprio de cada aprendiz sem recorrer a estigmatizações ou a comparações hierarquizantes.

Outro ponto de relevância indubitável que emergiu desta experiência refere-se à profundidade conceitual proporcionada pelo ensino reflexivo da ortografia, conforme sustentado por Morais e Leite (2005). Afastar-se de uma alfabetização puramente mecânica, mnemônica e baseada no treino de cópia acrítica, e adotar uma postura investigativa na qual a palavra escrita se torna objeto autônomo de análise e reflexão crítica, permitiu que os discentes compreendessem o "porquê" das regularidades e irregularidades contextuais da língua portuguesa. Essa autonomia analítica incipiente fortalece a cidadania discursiva e textual dos educandos do campo, demonstrando enfaticamente que o domínio da norma padrão da escrita não deve ser privilégio elitista distante, mas sim uma ferramenta concreta de empoderamento, emancipação e expressão legítima de suas identidades socioculturais e comunitárias.

Por fim, sob a perspectiva intransigível da formação inicial de professores, a vivência proporcionada pelo PIBID reafirma a urgência histórica e a insubstituível relevância de articular a teoria acadêmica universitária à vivência prática direta no chão da escola pública campesina. O diálogo horizontal e constante entre os saberes construídos na academia e os desafios dinâmicos e cotidianos da sala de aula capacita os futuros docentes a romperem com posturas pedagógicas engessadas, fomentando uma atitude de pesquisa-ação, sensibilidade social e infindável criatividade didática. Compreende-se, portanto, que investir em práticas lúdicas, reflexivas e contextualmente enraizadas na realidade do campo não constitui apenas uma escolha metodológica

opcional ou passageira, mas sim um compromisso ético, político e humano inegociável com uma educação pública emancipatória, significativa, socialmente justa e verdadeiramente transformadora.

Palavras-chave: Letramento, Consciência fonológica, Aprendizagem significativa.

AGRADECIMENTOS

O presente relato de experiência realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) no Subprojeto de Pedagogia Educação do Campo.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MORAIS, A. G.; LEITE, T. S. Como promover o desenvolvimento das habilidades de reflexão fonológica dos alfabetizandos? In: MORAIS, A.; ALBUQUERQUE, E.; LEAL, T. **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005. p. 71-88.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, p. 5-17, 2004.

SOUZA, Suely Maria de; ARAÚJO, Jaciane Alves de; SILVA, Leila Nascimento da. Os recursos didáticos a service da tarefa de alfabetizar. In: SILVA, Leila Nascimento da; MONTEIRO, Roselma da Silva; PEREIRA, Sônia Virgínia Martins. **Reflexões sobre fazeres em alfabetização**. Recife: Ed. UFPE, 2022. p. 116-145.